

ROUSSEAU - A QUESTÃO DA HISTÓRIA

Antônio Cesar Ferreira da Silva
Universidade Estadual de Feira de Santana
acesarfsilva@yahoo.com.br

RESUMO: O presente trabalho aponta para a reflexão feita por Rousseau, em torno da questão da história. Para Rousseau, uma obra histórica, pode levar seus leitores a informações deturpadas. Isto ocorre em função do tipo de historiador que predominava em sua época. Estes historiadores apenas estavam preocupados em brilhar, ao invés de estarem comprometidos com a veracidade dos fatos. Assim, pintam os fatos a seu bel prazer, deturpando a história. Esta postura é extremamente maléfica, principalmente para a juventude, a qual não tem a maturidade necessária para adentrar com uma postura crítica nos textos históricos.

PALAVRAS-CHAVE: História, historiador.

ABSTRACT : This work points to the reflection made by Rousseau about the question of history. For Rousseau, a historical work may lead readers to misleading information. This occurs due to the type of historian who prevailed in his time. These historians were just preoccupied to shine, instead of being committed to the veracity of the facts. So they painted the facts as they pleased, misrepresenting the history. This posture is extremely harmful, especially for the young who do not have the necessary critical attitude to go deeper into historical texts.

KEY-WORDS: History, historian.

RÉSUMÉ : Le présent travail parle de la réflexion faite par Rousseau autour de la question de l'histoire. Pour Rousseau, une oeuvre historique peut mener ses lecteurs à des informations trompeuses. Ceci se produit en fonction du type d'historien qui prédominait de son temps. Ces historiens étaient seulement préoccupés à briller, au lieu d'être compromis avec la véracité des faits . Ainsi ils peignaient les faits à leur gré corrompant l'histoire. Cette posture est extrêmement maléfique, surtout pour la jeunesse qui n'a pas la maturité nécessaire pour s'approfondir avec une posture critique dans des textes historiques.

MOTS CLEFS : Histoire, historien.

O tema envolve um assunto polêmico, até mesmo entre os historiadores. O trabalho de um especialista em história requer, além de toda uma coleta de dados e fatos que tenham um significado para uma cultura, uma nação, um olhar sensível para o que *enxerga*. O olhar do historiador sobre os elementos que ajudam a conhecer o passado delineará a pintura, a obra de arte, a obra histórica. Ou seja, tem-se um sentido de uma determinada realidade histórica definida por seu interprete. É esta uma das preocupações apontadas por Rousseau no que diz respeito à leitura desta literatura por parte da juventude, por parte do jovem Emílio.

Antes mesmo do início da leitura de obras históricas (ou poderíamos dizer: livros sobre a vida do homem), Emílio realiza a leitura de si próprio, para daí então debruçar-se sobre as vidas de seus semelhantes. Agora, defrontando-se com a realidade da vida societária, há o início de um processo de comparação, o qual Emílio ainda não conhecera. O que provoca no jovem um sentimento que o projeta para ir sempre para além daqueles que são de sua espécie, ou seja, estar sempre em primeiro lugar. Ser o mais importante e aquele que deve ocupar o centro das atenções. É este processo de olhar seus semelhantes que, se inicia uma abordagem dos homens através do tempo, portanto um olhar histórico. Este processo desenvolve o sentimento de amor-próprio tão caro para a vida dos homens. Se isto implicará em dinâmica benéfica ou perniciosa, dependerá do lugar que o jovem *deseja ocupar*. Para orientá-lo, depois de ter abordado a dinâmica do homem natural e sua transformação em civil, deve-se apresentar a espécie humana em suas diversidades e diferenças.

Ao estudarmos a sociedade pelos homens, e vice-versa, estaremos mergulhando numa reflexão política e moral.

Estudando primeiramente as relações primitivas, vê-se como os homens devem ser por elas afetados e que paixões delas devem nascer: vê-se que é reciprocamente pelo progresso das paixões que tais relações se multiplicam e se fortalecem. É menos a força dos braços que a moderação dos corações que torna os homens independentes e livres. Quem quer que deseja pouca coisa, prende-se a poucas pessoas; mas confundindo sempre nossos vãos desejos com nossas necessidades físicas, os que fizeram destas o fundamento da sociedade humana sempre tomaram os efeitos pelas causas e não fizeram senão perder-se em seus raciocínios. (ROUSSEAU, 1995, p. 266).

No estado natural há de fato, uma igualdade entre todos os homens, que até as poucas diferenças existentes não abalam a mesma. Já entre os homens da sociedade civil, há uma igualdade artificial e superficial, pois os mecanismos para a sua manutenção só servem para destruí-la. Além disto, a força pública aliada ao mais forte impõe uma forte opressão ao mais fraco. Assim, há a ruptura do equilíbrio natural que existira entre os homens.

Desta primeira contradição decorrem todas as outras que se observam na ordem civil entre a aparência e a realidade. Sempre o maior número será sacrificado ao menor e o interesse público ao particular; sempre estes nomes especiosos de justiça e subordinação servirão de instrumentos à violência e de armas à iniquidade: daí a conclusão de as classes privilegiadas, que se pretendem úteis às outras, serem, efetivamente, úteis a elas próprias a expensas das outras; pelo que se pode julgar da consideração que lhes é devida segundo a justiça e a razão. (ROUSSEAU, 1995, p. 266).

Assim, verifica-se que esta dinâmica da vida humana é o que nos interessa aprofundar. Saber que desdobramentos se deram a partir daquilo em que o homem foi se constituindo. Para isto, o primeiro passo apontado por Rousseau, refere-se ao conhecimento do *coração humano*. Desta forma, os jovens devem enxergar os homens para além das máscaras que os mesmos usam no seu cotidiano. Seus rostos, no convívio social, estão ocultos pela máscara da representação, tão necessária para aqueles que cultivam, de forma intensa, as aparências. É necessário ver o homem como ele é, e assim, possam apiedar-se de suas misérias. Sentimento que Rousseau considera fundamental para a espécie humana.

Então, que caminho seguir, que olhar deve-se ter sobre os homens? Instruir os jovens *mais pela experiência de outrem que pela sua*? Enganando-os, os homens serão odiados por eles. Os respeitando serão vistos com piedade.

Deve-se dar aos jovens a oportunidade de encontrar boas companhias, e que assim, pudessem ter um bom olhar sobre elas, uma estima; mas deveriam aprender que sua sociedade, apenas gera o mal para o homem. A corrupção social põe fim aos bons valores dos homens.

Que saiba que o homem é naturalmente bom e julgue o próximo por si mesmo; mas que veja como a sociedade deprava e perverte os homens; que encontre nos preconceitos deles a fonte de todos os seus vícios; que seja levado a estimar cada indivíduo, mas que despreze a multidão; que veja que todos os homens usam mais ou menos a mesma máscara, mas que saiba também que há rostos mais belos do que a máscara que os cobre. (ROUSSEAU, 1995, p. 267).

Ao seguir este caminho, defronta-se com alguns inconvenientes. O primeiro é o que ao tornar o jovem um observador muito cedo, ele desenvolverá um olhar extremamente viciado. Seu olhar se constituirá em algo *maledicente e satírico*, apressado em seus julgamentos. Esta perspectiva precipitada desvirtua o que ocorre no seio da sociedade, impedindo os jovens de compreenderem todos os processos que ajudaram a efetivar as estruturas sociais bem como o espírito dos homens. Os jovens não conseguirão distinguir o bem do mal e não perceberão que apesar dos problemas existentes, por trás da poeira da corrupção ainda existe aspectos bons no seio da humanidade. Acostumados a enxergarem apenas os vícios não vêem mais nada. É um olhar que se corrompeu.

Habituar-se-á ao menos ao espetáculo do vício, a ver os maus sem horror, como a gente se acostuma a ver os desgraçados sem piedade. Dentro em breve a perversão generalizada lhe servirá menos de lição que de desculpa; dir-se-á que, se o homem é assim, ele não deve querer ser de outro jeito. (ROUSSEAU, 1995, p. 26).

Outra perspectiva que se deve evitar no que diz respeito à forma como o jovem deve conhecer a sociedade é a que o instrui por princípios. Desta forma, por princípios se cairia no erro de se passar dos objetos sensíveis aos objetos intelectuais, dando a estes últimos uma primazia. Assim, dentro desta perspectiva seria tirado o que há de mais importante no conhecer, que é o da própria experiência. O olhar estaria sendo envolto pela ótica dos princípios. Deturpação da vida humana é o que ocorreria, pois se veria o que está para além da realidade, algo ficcional. Algo que foi fundamentado pelo olhar de outrem, pelo olhar do mestre. Não é pelo olhar de um guia que se deve olhar para o mundo, para a vida humana.

Para se superar estas duas barreiras, e disponibilizar a alma humana para o seu conhecimento, sem prejudicar sua visão, sua formação, deve-se mostrar o homem de uma boa distância. De que forma? Será a história, o melhor caminho a ser percorrido, a fim de se adentrar nos pormenores da sociedade, e todo o processo que retirou os homens da vida saudável e natural e os colocou no mundo civil, mundo dos vícios e da corrupção? *Eis o momento da história; é através dela que lerá nos corações, sem as lições da filosofia; através dela é que os verá, simples espectador, sem interesse e sem paixão, como juiz, não como cúmplice nem como acusador.* (ROUSSEAU, 1995, p. 268).

Para se apreender a dinâmica da humanidade é necessário vê-la atuando. É preciso verificar suas ações. No contexto social, os homens falam e se apresentam em consonância com a dinâmica vigente. Mostram aquilo que é conveniente aos olhos dos demais. Atuam em função dos interesses em jogo, e dos benefícios que poderão adquirir. Estão mascarados escondem quem são de fato. Na história, os homens estão nus, e impossibilitados de se esconderem por trás de suas máscaras. É possível detectar todos os pormenores dos homens dentro do processo histórico, pois o que já foi consumado não pode ser retocado. Aconteceu. São julgados pelos fatos e não pelos discursos.

Mesmo ao se analisar os homens de uma distância considerável são necessários alguns cuidados. Em boa parte da história é difícil abordagens centradas na equidade. Boa parte dos relatos, apresentam apenas, aspectos negativos. Se conhece mais o passado pelas catástrofes que pela paz. Pinta-se a história como um quadro de horror. Não existe a felicidade nestas obras.

Um dos grandes vícios da história está em que pinta muito mais os homens pelas suas más qualidades do que pelas boas; como só é interessante pelas revoluções, as catástrofes, enquanto um povo cresce e prospera na calma de um governo sereno, ela nada diz; só começa a falar deste quando, não podendo mais bastar-se a si mesmo, toma parte nos negócios dos vizinhos ou os deixa tomar parte nos seus; ela só o ilustra quando ele já está no declínio: todas as nossas histórias começam onde deveriam terminar. Temos com bastante exatidão a dos povos que se destroem; o que nos falta é a dos povos que se multiplicam; são bastante felizes e sábios para que ela nada tenha a dizer deles: e efetivamente vemos, mesmo em nossos dias, que os governos que melhor se conduzem são os de que menos falam. Sabemos apenas o mal portanto; o bem mal se assinala. Só os maus são célebres, os bons são esquecidos ou ridicularizados: e eis como a história, tal qual a filosofia, calunia sem cessar o gênero humano. (ROUSSEAU, 1995, p. 268).

Os fatos históricos, como de fato se deram, estão longe de serem descritos fielmente. São deturpados pelas cabeças criativas dos historiadores. A história não é bem contada, e sim, muito mal contada. Arranjam mil maneiras de contá-la, inventam, invertem coisas que não existiram num determinado momento. Acrescentam o que não pode ser acrescentado, como subtraem informações valiosas que explicariam os acontecimentos passados. O que está porá trás disto? Quais os desdobramentos para os leitores inexperientes e desavisados? A riqueza da história se perde, e com ela a sua contribuição, para as gerações que precisam se formar, e aprender com os erros do passado.

Demais, muito falta para que os fatos descritos na história sejam a pintura exata dos mesmos fatos como ocorreram: mudam de forma na cabeça do historiador, amoldam-se a seus interesses, tomam a cor de seus preconceitos... O historiador dá-me uma, mas a inventa; e a própria crítica, de que tanto falam, não passa de uma arte de conjecturar, a arte de escolher entre várias mentiras a que mais se assemelha à verdade. (ROUSSEAU, 1995, p.269).

O que vigora na escrita histórica, em grande medida, é o olhar tendencioso de seu artífice. Mais do que relatar o ocorrido, o que predomina é um jogo de interesses, que em nada ajuda seus leitores, pelo contrário cria uma visão parcial e temerosa do passado. O jogo de mentiras predomina nas diversas obras. Rousseau exemplifica este problema:

Nunca lestes Cleópatra ou Cassandra, ou outros livros da mesma espécie? O autor escolhe um acontecimento conhecido, depois, acomodando-o a suas intenções, ornando-o de pormenores de sua invenção, de personagens que nunca existiram, e de retratos imaginários, junta a tudo ficções e mais ficções a fim de tornar a leitura agradável. (ROUSSEAU, 1995, p. 269).

Nenhuma preocupação é demonstrada por este tipo de historiador em relação aos leitores de suas obras. Mais do que critérios morais, são os critérios do sucesso que imperam no logotipo do historiador. Nenhum cuidado, nenhum interesse em informar, formar, devidamente. Assim, os jovens são prezas fáceis deste tipo de literatura, pois ainda não possuem a maturidade suficiente para distinguir o que corresponde à realidade, do que é pura ficção.

Assim, é preciso preparar os jovens a reconhecer os verdadeiros fatos. O farão, na medida, que puderem ter a oportunidade de conhecerem os fatos como eles são. Daí, diante dos fatos reais seu olhar se habituará a ver por si próprio, sem ter que enxergar o mundo pelas lentes de um interprete. Não só se desdobrará a autonomia do olhar do jovem, mas também algo importante, a distinção entre os vícios e as virtudes que se apresentaram ao longo da história das sociedades humanas. Por isso, deve-se evitar o contato com obras que já estão absolutamente interpretadas; onde todos os fatos já foram julgados. Estes autores que julgam os fatos em suas obras são os piores, pois retiram de seus leitores a oportunidade de desenvolverem seu olhar, a oportunidade de serem homens.

Para Rousseau a história tornou-se uma disciplina cara para a formação dos homens. Principalmente a história moderna, que mais do que relatar os fatos como ocorreram, se debruçam em orná-los, impossibilitando uma visão clara sobre os mesmos.

Deixo de lado a história moderna, não somente porque ela não tem mais fisionomia e que nossos homens se assemelham todos, como também porque nossos historiadores, unicamente preocupados com brilhar, só pensam em fazer retratos fortemente coloridos e que muitas vezes nada representam. (ROUSSEAU, 1995, p. 270).

Segundo Rousseau, os antigos ornaram menos a história, pois fazem relatos e julgamentos mais fiéis. São relatos que não utilizam a arte da criação, mas usam do *bom senso* como ponto de referência. Mesmo assim, há por parte de Rousseau, uma recomendação na leitura dos antigos. Deve-

se selecioná-los com cuidado, deixando os que julgam em demasia e optando pelos mais *simples*. Estes cuidados devem ser tomados para que os jovens consigam ver o que de fato é o coração humano. Sem ornamentos sem disfarces. A história para Rousseau não é uma atividade meramente técnica, mas sim aquela que nos ajuda a mergulhar na alma humana. A melhor história é aquela que não vê as estruturas sociais como um mecanismo, como uma máquina que pode ser dissecada, mas uma atividade que conduz ao mergulho no universo humano. Portanto, ao se escolher as obras deve-se ter muito cuidado, pois do contrário encontrar-se-ia fábulas e fantasias a respeito da natureza humana. Assim Rousseau nos fala:

Não gostaria de pôr nas mãos de um jovem nem Políbio nem Salústio; Tácito é leitura dos velhos; os jovens não são feitos para entendê-lo; é preciso aprender a ver nas ações humanas os primeiros traços do coração do homem, antes de querer fazer sondagens em profundidade; é preciso saber ler muito bem nos fatos antes de ler nas máximas. A filosofia em máximas só convém à experiência. A juventude não deve nada generalizar: toda a sua instrução deve obedecer a regras particulares.

Tucídides é, a meu ver, o verdadeiro modelo dos historiadores. Narra os fatos sem os julgar; mas não omite nenhuma das circunstâncias suscetíveis de nos fazê-los julgar nós mesmos. Põe tudo o que conta sob os olhos do leitor; ao invés de se interpor entre os acontecimentos e o leitor, ele se afasta; não pensamos mais ler, e sim ver. (ROUSSEAU, 1995, p. 270).

A história apresenta-se em grande parte, deturpada pela opinião de seus interpretes oficiais. Apegam-se, sobretudo as datas, aos nomes, sem apresentarem de fato todo o percurso que fez com que nestas datas e com estes nomes algo de significativo se desse. É esta significação que Rousseau observa como importante, pois nela esta a perspectiva do espírito dos acontecimentos, ou seja, o espírito humano. Os historiadores surgem como abutres perigosos, que contribuem para a manutenção da corrupção da sociedade civil.

Acrescentai a todas estas reflexões que a história mostra muito mais as ações do que os homens, porque ela não vê estes senão em certos momentos escolhidos, com suas vestimentas de gala; ela só apresenta o homem público que se arranjou para ser visto: não acompanha em sua casa, em seu gabinete, na sua família, entre seus amigos; só o pinta quando ele representa: é muito mais sua vestimenta que sua pessoa que pinta. (ROUSSEAU, 1995, p. 271).

Ao contrário dos grandes palcos, ou do palco social, onde impera o jogo e os disfarces da dinâmica social, Rousseau aponta como mais interessante para se conhecer o coração humano a leitura das vidas particulares. Podemos dizer que o olhar de Rousseau para a história, busca algo que está para além das formas de se relatar os dados históricos. Não é o puro acontecer que interessa a Rousseau, ou os expoentes que figuram no centro do acontecido, mas sim a marca do coração humano nos fatos. Tenta fugir assim, a marca da tradição da história do século XVIII. Neste século a história é marcada pela busca da racionalidade. De uma racionalidade mergulhada nas idéias de progresso e civilização. Rousseau

ao contrário, aponta para uma direção contrária. Ensaia uma nova posição. Ele faz uma crítica a própria forma, como as ciências, e os sábios se portam.

Como o corpo, o espírito tem suas necessidades. Estas são o fundamento da sociedade, aquelas constituem seu deleite. Enquanto o governo e as leis atendem à segurança e ao bem-estar dos homens reunidos, as ciências, as letras e as artes, menos despóticas e talvez mais poderosas, estendem guirlandas de flores sobre as cadeias de ferro de que estão eles carregados, afogam-lhes o sentimento dessa liberdade original para a qual pareciam ter nascido, fazem com que amem sua escravidão e formam assim o que se chama povos policiados. (ROUSSEAU, 1987-1988, p. 138-139).

Uma área, como a história, é vislumbrada por Rousseau como aquela que se enquadra no quadro das ciências que ocultam a dinâmica da vida humana. As ciências têm a função de obstruir o olhar de quem se debruça sobre suas verdades.

O que cabe aos jovens leitores da história é não se deixar ofuscar pela lente daqueles que interpretam os fatos e os seus desdobramentos. O jovem deve olhar para a história sem os vícios e preconceitos de seus interpretes. Conhecer o coração humano é o que há de fundamental, para os jovens, para que possam um dia por um fim na corrupção reinante no seio da sociedade. Rousseau nos diz:

Meu aluno é esse selvagem, com a diferença de que tendo refletido mais, comparado mais idéias, visto nossos erros de mais perto, mostra-se mais precavido contra si mesmo e julga unicamente o que conhece. (ROUSSEAU, 1995, p. 276).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BESSELAAR, José Van Den. *Introdução aos estudos históricos*. 4. ed. São Paulo, EPU-EDUSP, 1974.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre as ciências e as artes*. Tradução de Lourdes Santos Machado. 4. ed. – São Paulo: Nova Cultural, 1987-88.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio: ou, Da Educação*. Tradução de Sérgio Milliet. 3. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

STRAUSS, Leo. *Droit et histoire*. Traduit de l'anglais par Monique Nathan et Éric de Dampierre. Paris: Flammarion.